

O CONTEXTO E A IMPORTÂNCIA DAS PEQUENAS CIDADES NA DINÂMICA DA REDE URBANA: UMA ABORDAGEM ACERCA DE NOVA PALMA, RS¹

Vanessa MANFIO²

RESUMO

A ciência geográfica brasileira, por muitos anos, se dedicou a estudar a dinâmica das grandes cidades, que enfrentavam vários problemas urbanos e concentravam uma centralidade de serviços, pessoas e capitais. Enquanto isso, a abordagem das pequenas cidades ficou resumida a poucos ensaios. Recentemente, as pequenas cidades passaram a despertar o interesse de pesquisadores, demonstrando que elas apresentam também muitas funcionalidades e importância. Na sociedade pós-moderna, as cidades encontram-se organizadas em rede, e assim cada uma delas são importantes para o desenvolvimento regional. Nesse sentido, este artigo busca discutir a respeito da rede urbana e das pequenas cidades, analisando o papel dessas cidades nas inter-relações com as demais áreas urbanizadas, abordando especialmente a cidade de Nova Palma – RS. Para dar conta desta discussão, foi utilizado o método empírico, e as técnicas metodológicas, tais quais: revisão de literatura, coleta de dados (na Prefeitura Municipal e no Centro de Pesquisas Genealógicas de Nova Palma) e conversas com moradores e agentes do poder público. Com isso, foi possível entender que a cidade de Nova Palma participa da rede urbana onde está inserida e mantém relações diversas, entre elas de caráter: educacional, médico-hospitalar, emprego e comércio com cidades da região. Além disso, Nova Palma exerce funções específicas de moradia, lazer e circulação de bens agrícolas, dentro da rede urbana.

Palavras chave: Rede urbana. Pequenas cidades. Nova Palma-RS.

¹ O presente artigo resulta das discussões da Dissertação de Mestrado da autora e de novas leituras frente à temática.

² Licenciada, Mestre e Doutora em Geografia, com Doutorado Sanduíche em Portugal, na Universidade de Trás-Os-Montes e Alto Douro, e, atualmente, Professora Substituta de Geografia do Instituto Federal do Rio Grande do Sul.

THE CONTEXT AND THE IMPORTANCE OF SMALL CITIES IN THE DYNAMICS OF THE URBAN NETWORK: AN APPROACH ABOUT NEW PALMA, RS

ABSTRACT

For many years, Brazilian geographic science has been dedicated to studying the dynamics of large cities, which faced various urban problems and concentrated a centrality of services, people and capital. Meanwhile, the approach of small towns was summed up in a few essays. Recently, small cities have begun to arouse the interest of researchers, demonstrating that they also have many features and importance. In postmodern society, cities are organized in a network, and so each is important for regional development. In this sense, this article seeks to discuss the urban network and the small cities, analyzing the role of these cities in the interrelationships with other urbanized areas, especially addressing the city of New Palma - RS. In order to account for this discussion, we used the empirical method and methodological techniques, such as: literature review, data collection (in the City Hall and in the Genealogical Research Center of New Palma) and conversations with residents and agents of public power. With this, it was possible to understand that the city of New Palma participates in the urban network where it is inserted and maintains diverse relationships, among them of character: educational, medical-hospital, employment and commerce with cities of the region. In addition, New Palma performs specific functions of housing, leisure and circulation of agricultural goods, within the urban network.

Keywords: Urban network. Small cities. New Palma-RS.

1 INTRODUÇÃO

A Geografia é uma ciência que aborda diversas temáticas, especialmente envolvendo a relação sociedade e natureza. Nesse sentido, observam-se várias contribuições aos estudos geográficos, tanto no bojo da área física, como na humana. Na área humana, as pesquisas sobre o espaço urbano e as pequenas cidades têm sido foco de discussão de vários campos científicos, da Geografia, História, Sociologia, entre outros.

Convém destacar que as pesquisas geográficas brasileiras ligadas aos estudos urbanos, ao longo de décadas, estavam voltados às discussões sobre metrópoles e grandes centros urbanos. Porém, os centros urbanos menores apresentam características, modos de vida e estruturas econômicas, que também são importantes no contexto da rede urbana, na qual estão inseridos.

Desse modo, no contexto contemporâneo, surgem muitos autores, como Angela Maria Endlich, Mara Lúcia Bernadelli, Maria Encarnação B. Sposito, Tânia Maria Fresca e pesquisas envolvendo as pequenas cidades, repensando os conceitos e problemas delas. Embora, esses estudos ainda encontrem, na atualidade, muitas dificuldades, principalmente na falta de conceitos definidos e bibliografias.

De um modo geral, o tamanho da cidade não deve representar o foco de estudos dos pesquisadores, pois as cidades estabelecem relações entre si, formando uma rede urbana. Esta rede admite a conexão entre os diversos centros urbanos e a circulação de fluxos entre eles, dos quais todas as cidades são importantes para “o desenrolar” das inter-relações e também apresentam funcionalidades importantes para o local.

Nesse raciocínio, as redes urbanas são conceitualizadas como um conjunto de cidades que estabelecem relações entre si, pelos quais circulam e informações, pessoas e mercadorias. Nessas inter-relações estão presentes diferentes centros urbanos, ou seja, as pequenas, médias e grandes cidades. É fundamental afirmar que as pequenas cidades são aquelas com reduzida população, serviços com menor grau de complexidade (principalmente no setor de saúde e educação) e em alguns casos, apresentam também menor área urbana.

Diante disso, este artigo busca discutir sobre as pequenas cidades brasileiras, repensando o significado e a importância delas na rede urbana. Além disso, o artigo busca abordar as características da cidade de Nova Palma (RS) na rede urbana regional.

Convém salientar que essa temática é complexa, tendo em vista o desenvolvimento

regional e as dinâmicas espaciais, sendo, logo, importante para os estudos geográficos.

Com a finalidade de responder os objetivos propostos, utilizou-se o método empírico que pauta na observação, análise da realidade e também na teoria. Para Prodanov e Freitas (2013), o método empírico busca analisar fenômenos e relações casuais, sendo a realidade mensurável através da capacidade de observação e percepção dos fatos. Juntamente com o método empírico trabalhou-se com uma pesquisa descritiva, onde “sua preocupação é descrever um determinado fenômeno ou população tentando uma interpretação” (CARNEIRO, 2014, p. 23), aplicando técnicas metodológicas, tais como: revisão de literatura, observação, conversas informais (diálogo aberto e espontâneo), coleta de dados e registro de informações.

Assim, o presente artigo encontra-se estruturado numa parte teórica a respeito da rede urbana e das pequenas cidades, a partir da visão e do posicionamento de vários autores, e, na segunda parte, trata-se da dinâmica e importância da pequena cidade de Nova Palma na rede urbana na qual ela está inserida. Com isto, espera-se contribuir com os estudos urbanos, especialmente sobre pequenas cidades, repensando atuais conhecimentos e lançando novos conhecimentos.

2 DISCUSSÕES TEÓRICAS SOBRE URBANIZAÇÃO E PEQUENAS CIDADES

A cidade é uma obra humana antiga. De acordo com Carlos (1997) e Souza (2008), a origem do surgimento das primeiras cidades começou a se delinear quando o homem deixou de ser eminentemente nômade. Quando o homem passou a organizar-se territorialmente e desempenhar atividades agrícolas e econômicas inicia-se a formação de povoados urbanos (CARLOS, 1997; SOUZA, 2008).

No fim do período Neolítico ocorreu o aparecimento de assentamentos populacionais, que foram, aos poucos, transformando os assentamentos e as antigas aldeias em cidades, provocando alterações na organização social comunitária (ABIKO; ALMEIDA; BARREIROS, 2015).

Com os avanços de técnicas ligadas à agricultura e à comercialização de excedentes agrícolas, a formação de cidades passou a ser mais intensa (SANTOS 1988). Como aponta Huberman (1986), as atividades de comércio vão desempenhar papel fundamental na formação

das cidades. Ainda, elucida Santos (1988, p.53),

As cidades puderam formar-se graças a um determinado avanço das técnicas de produção agrícola, o qual proporcionou a formação de um excedente dos produtos alimentares. Com a existência deste excedente, algumas pessoas puderam dedicar-se a outras atividades, sendo a cidade, predominantemente, lugar de atividades não-agrícolas.

A partir da liberação populacional do campo para cidades, juntamente com o desenvolvimento industrial na Europa, intensifica-se o fenômeno de urbanização. Em Santos (1994), a urbanização é fenômeno ligado ao processo de industrialização, cuja criação de uma indústria, fábrica ou empresa, principalmente de grande porte, tende a atrair à região onde se instalou um elevado número de pessoas. Complementa Singer (1998) que o processo de urbanização implica em ampla transferência de atividades (e de pessoas) do campo às cidades.

A Revolução Industrial representou uma transformação radical das relações entre campo e cidade, pois com a indústria, o cerne produtivo concentrou-se espacialmente e transferiu-se para o meio urbano (LEFEBVRE, 2001). Para este mesmo autor, as cidades passaram a concentrar uma parte crescente da força de trabalho, enquanto as migrações, para o espaço urbano esvaziavam o campo.

Contudo, a urbanização consolidada no século XX, em nível mundial, ocorreu em diferentes formas e conteúdos, cujos nexos desse processo vinculam-se às dinâmicas e espacialidades que constituem as cidades (BERNADELLI, 2004). Na Europa, a urbanização teve uma ascensão lenta e atrelada ao processo industrial em que o espaço-sociedade vivianos séculos XVIII e XIX (SIQUEIRA, 2010).

Entretanto, em países em desenvolvimento de industrialização mais tardia, como é o caso do Brasil, o processo de urbanização foi um fenômeno de maior rapidez, gerando problemas de estruturação das áreas citadinas (SIQUEIRA, 2010). No Brasil, esse fenômeno tem a sua ascensão após a década de 1950, associada a mudanças no cenário econômico do país com a industrialização (FURTADO, 1983). Para Singer (1973), a industrialização do Brasil foi responsável pelo fenômeno urbano, pois a atividade industrial exigiu, em sua proximidade, a presença de grande número de trabalhadores e de serviços de infraestrutura (transportes, comunicação, armazenamento, entre outros), considerados o cerne da moderna economia urbana.

A urbanização, então, é entendida como um fenômeno que resulta do processo de

reestruturação do campo, da industrialização e modernização econômica. Nesse raciocínio, Sposito (1999) conceitua a urbanização como sendo a dinâmica, o processo modulador do espaço que envolve o social, o cultural e o econômico. Já para Santos (2003, p. 23), “A urbanização é simultaneamente um resultado e uma condição do processo de difusão do capital”, a qual pode ser alterada com o passar do tempo e com diferentes formas de materialização das atividades econômicas e sociais (SANTOS, 2003).

É importante destacar que existe diferença entre urbanização e a cidade propriamente dita, dos quais a primeira é entendida como um fenômeno, cuja essência gera hábitos urbanos, organiza a paisagem urbana através de redes e relações, constrói dinâmicas e cria papéis e funções desempenhadas pelas cidades, enquanto a segunda é considerada um objeto e constata-se que esta se circunscreve a um território, envolvendo limites sob domínio de um poder político (ARAÚJO, 1887).

Dessa forma, a cidade está sempre sendo alterada, em função das atividades e essenciais dos moradores que nela habitam. Como afirma Carlos (1997), a cidade é uma realização humana, uma criação, que vai se constituindo ao longo do processo histórico e que ganha materialização concreta e diferenciada em função de determinações históricas específicas.

Desse modo, Ribeiro (2005, p. 63) pontua que “a cidade espelha a obra humana. Ela é resultado da integração social, do conhecimento de técnicas que permitem a manipulação de recursos naturais e da cultura em suas diversas manifestações. Ela é resultado esta teia de relações humanas.” Portanto, a cidade consiste num espaço de concentração de casas, prédios, serviços e movimentos, que implicam numa realidade de vida urbana diferente que a do campo.

Como a cidade é um produto da sociedade, as cidades não são iguais. Elas se diferem em relação a elementos como: tamanho, função, complexidade dos serviços ou estrutura, formas e culturas. Quanto ao tamanho e à complexidade dos serviços, as cidades podem ser classificadas, de acordo com o Instituto de Geografia e Estatística (IBGE) em metrópole, cidades médias e cidades pequenas cidades.

As metrópoles são marcadas por contingentes populacionais e por complexos serviços e atividades, essenciais para a formação da rede urbana. Completa Cunningham (2005) que na metrópole concentra-se o capital, ou seja, a sede de muitas empresas e também de governos regionais e instituições financeiras, além de patrimônios históricos e de multidões de pessoas com diferentes moradores e que constroem formas distintas no urbano.

Já as médias cidades são caracterizadas pela ocorrência do centro econômico e de serviços capazes de atender às suas necessidades e a da região. De acordo com Sposito (2010, p. 6), as cidades médias,

[...] são aquelas que desempenham papéis de ligação, de intermediação entre as pequenas e as maiores cidades, sem desprezar o tamanho populacional como primeiro nível da análise, pois como já destacado, existe a estreita relação entre quantidade e qualidade das dinâmicas e processos (SPOSITO, 2010, p.6).

E, por último, as pequenas cidades apresentam uma população reduzida e em alguns casos, condições mínimas de serviços para atender a população local, muitas vezes, estando orientadas pela economia agrícola. A respeito das pequenas cidades, Silva (2011, p. 54) diz que elas “são, então, núcleos urbanos que representam uma extensão menor se comparada a centros de outro porte e atendem ao pressuposto da realização da vida, da produção do espaço e da reprodução capitalista, na divisão territorial do trabalho em escala internacional”. Nesse ponto, Olanda (2008, p. 186-187) acrescenta,

As pequenas cidades constituem-se em grandes desafios para a pesquisa em Geografia no Brasil, por diversos motivos, um deles é a ausência, ainda, de uma produção acadêmica mais significativa sobre essa temática, mas há de ser levado em consideração que a urbanização brasileira também é algo novo se considera a longa duração.

Ainda Silva (2011, p.33) menciona que “Utilizada amplamente pela mídia e pelos leigos a ideia de “cidade pequena” ganha uma conotação muitas vezes vaga e o sentido geográfico é perdido, distorcido ou mesmo negligenciado”. As cidades pequenas, desta perspectiva, ficam desprezadas, apresentando menor importância que sua dinâmica real. Pois, muitas cidades pequenas exercem atividades significativas dentro da rede urbana e para economia brasileira. Assim, o sentido de pequeno tem que ser bem contextualizado, para não descaracterizar esta dimensão de cidade. Completando esta ideia, Endlich (2006) diz que seu conceito é de difícil elaboração, assim como o da própria cidade.

Para tratar das cidades de menor dimensão, Santos (1979, p. 71) utiliza o termo cidade local, e a conceitua da seguinte maneira:

A cidade local é a dimensão mínima a partir da qual as aglomerações deixam de servir às necessidades da atividade primária para servir as necessidades inadiáveis da população com verdadeira especialização do espaço. [...] Poderíamos então definir a cidade local como a aglomeração capaz de responder às necessidades vitais mínimas, reais ou criadas, de toda uma população, função esta que implica uma vida de relações.

Segundo Corrêa (2011), a pequena cidade resulta de inúmeros processos formativos: a) de um *habitat* concentrado do primário e do secundário; b) de um núcleo de povoamento, onde sua população está engajada em atividades ligadas à transformação e circulação de mercadorias e prestação de serviços; c) de um núcleo dotado da função de sede municipal; d) por um centro local que exerce centralidade em relação ao seu território municipal, sua hinterlândia. Reforça ainda esse autor que o limite superior do tamanho demográfico da pequena cidade estaria em torno de 10.000 habitantes em algumas regiões, menos em outras.

Numa outra visão da cidade pequena, pode-se dizer que elas são espaços de residência, de lazer, do comércio e do serviço existentes, lócus dos órgãos da administração pública, da igreja e da escola e das agências bancárias (MELO, 2008). Além disso, elas guardam uma riqueza de detalhes e sentimentos, muitas vezes, pouco percebida nos grandes centros urbanos (BACELAR, 2008). Esse autor menciona também que os habitantes das pequenas cidades têm grande conhecimento a respeito da população do município e as manifestações sociais ligadas à vida rural.

Muitas dessas pequenas cidades estão vinculadas à função agrícola e/ou na dependência de serviços de cidades média ou metropolitana (ENDLICH, 2006). Nesse sentido, Pedra e Nogueira (2011, p. 8) colocam que,

A pequena cidade é vista como um núcleo de povoamento, no qual a população está dividida, em diferenciadas proporções, em atividades ligadas ao setor urbano e atividades agrárias. Assim, ela pode ser caracterizada como uma transição, como uma maior integração do rural-urbano, sem que haja um rígido limite entre eles.

É importante destacar que nas cidades pequenas também se concentram unidades e setores industriais, ao mesmo tempo em que estabelecem diariamente contatos comerciais diversos entre indústrias e mercado consumidor, localizado tanto no país como no exterior (FRESCA, 2001). Assim como, “há cidades pequenas que se fortalecem na dimensão urbano-

econômica em função da instalação de grandes estabelecimentos industriais e que possuem outras particularidades animadas pela ampla divisão territorial do trabalho” (SILVA, 2011, p. 61). Por isso, as pequenas cidades estão inseridas na chamada globalização e em uma divisão do trabalho, sendo cotidianamente conectadas aos mais modernos meios de comunicação e informação, por intermédio das redes técnicas (FRESCA, 2001).

E, por esses motivos, a pequena cidade precisa ser entendida na lógica da rede urbana e da sua comunicação com o externo. Segundo Silva (2011, p.22), “A cidade pequena em si não é um dado a priori, não deve ser analisada isoladamente, porém no plano de suas relações com outros centros e como aspecto material da sociedade”. Reforçam Silva e Spósito (2009, p. 209),

[...] as cidades pequenas devem ser pensadas pela articulação das escalas intra e interurbana, uma vez que o verdadeiro sentido de cidade tende a ser mais bem apreendido pelas relações em que a cidade estabelece, e não por uma análise neutra e descolada da realidade, isto é, deve-se levar em conta, sobretudo, sua situação geográfica.

Salienta ainda Pedra e Nogueira (2011, p. 18) que, “muitas pequenas cidades assumem função centralizadora em uma região, por vezes, até substituindo e/ou sobrepondo a centralidade de metrópoles regionais, seja por distância ou falta de integração dessas metrópoles com a região em questão”.

Neste sentido, Fresca (2001) comenta que com a intensificação do processo de industrialização nacional através da implantação das indústrias automobilísticas, material de transporte, material elétrico, cimento, siderurgia, etc. – em outras áreas do Brasil, a partir da década 1970, tornou algumas cidades pequenas como referência produtiva, como Cornélio Procopio e Cianorte. A referência produtiva e a dinâmica da cidade podem gerar uma centralidade de serviços e pessoas, assim como pode integrar – lá a diferentes centros urbanos devido à necessidade de serviços, comércio e produtos, compondo assim a articulação em rede.

Para a compreensão da rede urbana, segundo Sposito (2008) é preciso levar em consideração alguns elementos, como: estrutura, escala, atores, territórios e fluxos. Segundo Corrêa (2011),

Em termos genéricos, a rede urbana constitui-se no conjunto de centros urbanos funcionalmente articulados entre si. É, portanto, um tipo particular de rede na qual os vértices ou nós são os diferentes núcleos de povoamento dotados de funções urbanas, e os caminhos ou ligações os diversos fluxos entre esses centros (CORRÊA, 2011, p. 93).

Ainda Corrêa (2011, p. 93) comenta que a rede urbana, “é um produto social, historicamente contextualizado, cujo papel crucial é o de, através de interações sociais espacializadas, articular toda a sociedade numa dada porção do espaço, garantindo sua existência e reprodução”.

Esta rede apresenta níveis de hierarquia como esclarece Santos (2008), existem três níveis hierárquicos entre as relações da rede urbana: as metrópoles, as cidades intermediárias e a cidade local. As primeiras exercem uma hierarquia superior atendendo várias cidades frente a serviços diversos, enquanto a segundas apresentam uma complexidade menor que as primeiras, exercendo funções específicas dentro da região, como prestação de serviços e emprego (SANTOS, 2008). E, por último, as cidades pequenas exercem uma dinâmica local, atendendo os habitantes, exercendo função administrativa e de bens econômicos e necessários (SANTOS, 2008). Essas cidades pequenas fazem parte da rede urbana e mantêm vínculos e nexos com outras cidades próximas e com as metrópoles regionais.

Neste ponto, Rigon e Sant’ Ana (2013) esclarecem que, as pequenas cidades, inseridas no contexto da rede urbana apresentam conectividade com as cidades médias e metrópoles, onde se encontravam serviços mais especializados, como representações governamentais, centros de pesquisa e difusão tecnológica, entre outras.

Além disso, dentro da rede urbana a pequena cidade caracteriza-se por apresentar funções e serviços básicos à população local, estabelece função de moradia e lazer, além de representar funções de contato entre o campo e a cidade (MELO, 2008). De acordo com Souto et. al. (2017, p. 78), “Tem-se, portanto, a importância que as pequenas cidades passaram a ter diante das transformações socioespaciais e na estruturação das redes urbanas, em decorrência da hierarquia que é estabelecida entre as cidades em função da oferta de bens e serviços”.

Compreender as pequenas cidades perpassa não somente pela compreensão de suas funcionalidades na rede urbana e seu papel na divisão territorial do trabalho, mas deve-se reconstruí-las historicamente, associadas às periodizações pela qual, seus correlatos socioespaciais têm suas dinâmicas continuamente reconstruídas e ressignificadas, ao longo do

tempo (CHAGAS, 2010).

Nesse contexto, as pequenas cidades são importantes e estão presentes nas de relações da rede urbana. Elas estão articuladas a outros centros de dimensões variadas e garantem as condições de vida da população e a modernidade da vida cidadina.

3 A DINÂMICA DA PEQUENA CIDADE DE NOVA PALMA-RS NA REDE URBANA

A pequena cidade de Nova Palma tem suas origens atreladas ao processo de colonização italiana na região Central do Rio Grande do Sul, onde os imigrantes constituíram núcleos de assentamentos urbanos. A partir desses núcleos foram produzidos gêneros agrícolas e artesanatos, dos quais o excedente foi sendo comercializado localmente, necessitando a criação de um povoamento urbano para tecer a comercialização (SAQUET, 2003). Como diz Manfio (2011, p. 28), “Os excedentes da produção agrícola eram comercializados localmente nos centros consumidores mais próximos, cujas precárias infraestruturas e os atravessadores dificultavam o comércio, sendo o centro comercial de Santa Maria [...]”.

Assim, aos poucos um núcleo de povoamento no espaço, que atualmente é Nova Palma, vai se constituindo em função do comércio agrícola, com a igreja, casas, moinhos, pequenas indústrias artesanais e estabelecimentos comerciais. Inicialmente, as atividades artesanais do urbano eram de pequeníssimas produções com força de trabalho manual e familiar, ligadas à alimentação, prática agrícola, construção e vestuário, onde se via bem o rural no urbano e vice-versa (SAQUET, 2003).

Com o desenvolvimento dessas fábricas, a necessidade de comercialização agrícola e de constituição de uma sede administrativa, o núcleo urbano adquire inicialmente a categoria de Vila de Júlio de Castilhos e depois a emancipação política administrativa, tornando-se município. Este município faz parte hoje da Quarta Colônia, formada por nove municípios, sendo sete de origem italiana: Dona Francisca, Faxinal do Soturno, Ivorá, Nova Palma, Pinhal Grande, São João do Polêsine e Silveira Martins e mais dois municípios próximos: Agudo (origem alemã) e Restinga Seca (origem portuguesa).

A partir dessa integração espacial entre os municípios vizinhos ocorre a formação da região integrada da Quarta Colônia, que teve sua formação e instalação incentivada pelo

Consórcio de Desenvolvimento Sustentável da Quarta Colônia (CONDESUS) do governo do estado do Rio Grande do Sul (MANFIO; PIEROZAN, 2017).

Assim, a Quarta Colônia, região próxima a Santa Maria, ficou conhecida pelas pequenas cidades culturais, turísticas e de base agrícola. Logo, Nova Palma (Figura 1) encontra-se localizada na região Central do Rio Grande do Sul e também pertence a região cultural da Quarta Colônia. Convém destacar que os municípios da Quarta Colônia são pertencentes também a região Central do Rio Grande do Sul, logo mantém relações com os demais municípios da região Central, inclusive Santa Maria e Júlio de Castilhos.

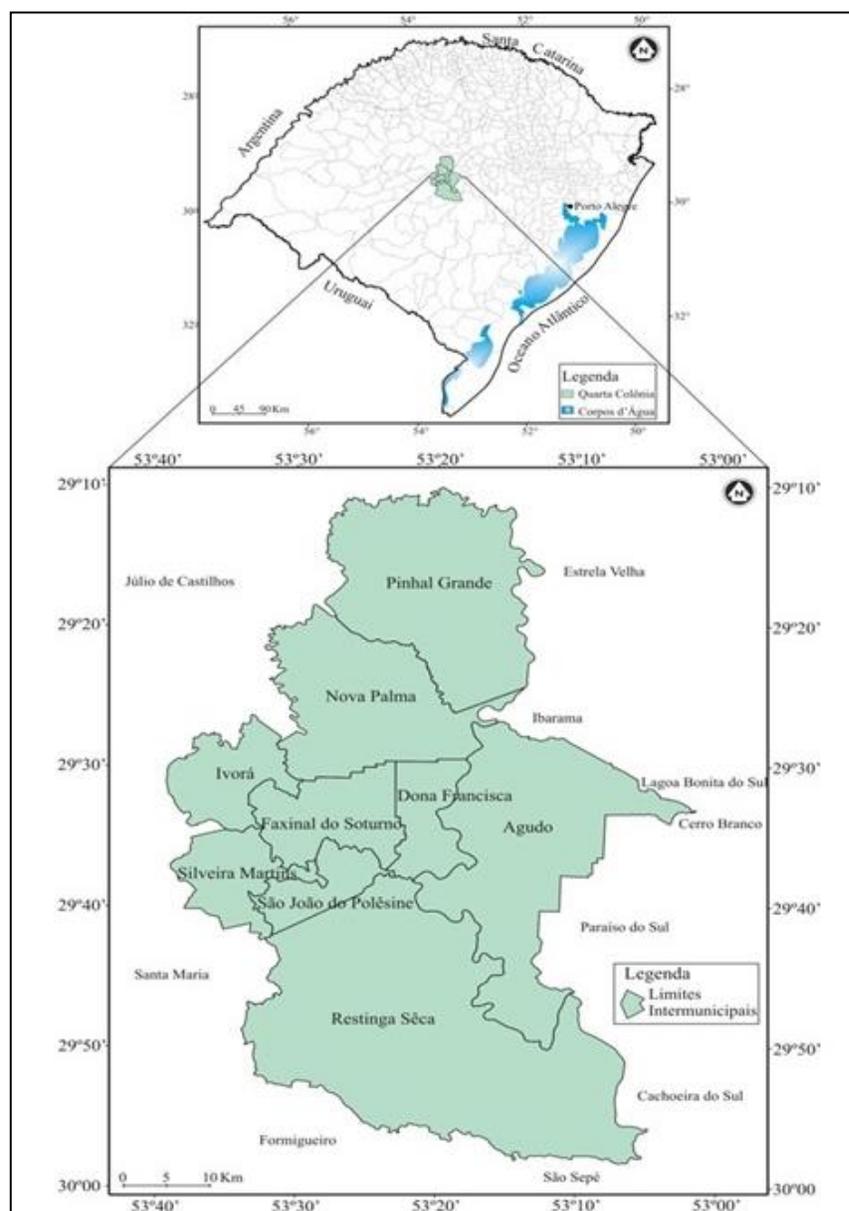


Figura 1: Mapa de Localização de Nova Palma

Fonte: IBGE (2008), organizado pela autora (2010)

Na década de 1960, a criação da Cooperativa Agrícola Mista Nova Palma Ltda (CAMNPAL), passou a exercer uma significativa importância para o cenário urbano e econômico de Nova Palma, e hoje da Quarta Colônia. Comenta Manfio (2011, p. 29), que “a partir de 1963, funda-se a CAMNPAL no município de Nova Palma/RS, incentivada pelas ideias do pároco do município, para facilitar o comércio novapalmense e, posteriormente, de toda região”. De acordo com Saquet (1996, p. 31), “A CAMNPAL consolidou-se atuando como via “contratual” no desenvolvimento capitalista nas atividades agrícolas do município de Nova Palma, e em suas circunvizinhanças”.

Com esse desenvolvimento cooperativista, a pequena cidade de Nova Palma adquiriu novas funções e passou a manter relações comerciais com diversas outras cidades locais e regionais. Pois, as atividades da CAMNPAL atingem os municípios vizinhos, onde estão suas unidades empresariais, São João do Polêsine (unidade de grãos), Dona Francisca (unidade de grãos e comércio), Faxinal do Soturno (unidade de comércio). Assim, como outras cidades que têm empresas atuantes na industrialização de produtos da marca comercial CAMNPAL, como a cidade de Encantado, onde é industrializado o leite da CAMNPAL na Usina de laticínios da Cooperativa de Suinocultores de Encantado Ltda. Dentro desse contexto, a pequena cidade de Nova Palma apresenta uma centralidade no âmbito da questão agrícola, que movimenta relações e uma expressão da mesma dentro da rede urbana.

O cooperativismo agrícola desencadeou a instalação de outras empresas no espaço novapalmense, ligadas ao ramo da agricultura e de serviços bancários, elevando ainda mais a função agrícola da pequena cidade, criando condição de capital e tecnologia.

Convém destacar que os serviços de telefonia e internet são rarefeitos e concentrados no monopólio de poucas empresas, dificultando o avanço tecnológico e econômico da sociedade novapalmense, que em tempos de globalização, ainda não apresenta rede móvel para serviços 3G.

Além disso, a pequena cidade de Nova Palma apresenta serviços básicos de educação, saúde, entre outros, tendo que manter relações com outros municípios locais (membros da Quarta Colônia) e com Santa Maria. Convém frisar que Santa Maria é uma cidade polarizadora de fluxos e serviços que centraliza relações com toda a região Central do Rio Grande do Sul (Figura 2).

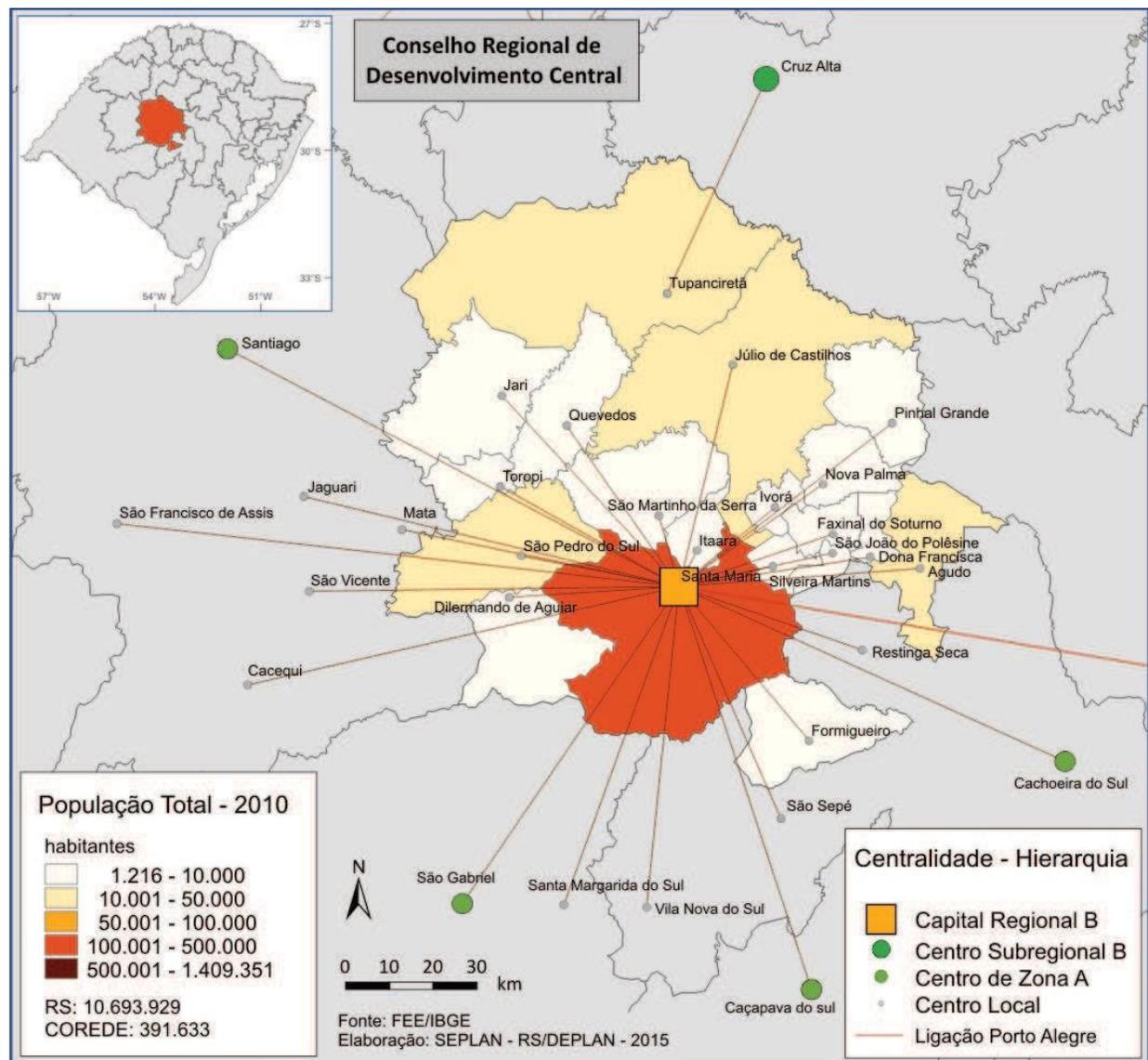


Figura 2 - Corede Central e a Hierarquia urbana em relação à Santa Maria

Fonte: Fundação de Economia e Estatística, 2015.

Retomando, as relações urbanas da pequena cidade de Nova Palma com Santa Maria são principalmente quanto aos serviços médico-hospitalares (como internações hospitalares, cirurgias de complexidade, médicos especialistas), serviços jurídicos, bancários, comercial, educacional (pela presença de várias universidades, tais quais: Universidade Federal de Santa Maria, Universidade Franciscana, Faculdade de Direito de Santa Maria, pelos cursinhos pré-vestibulares, entre outras instituições de ensino básico e superior) e de lazer, entre outros.

Em relação à cidade de Faxinal do Soturno, diariamente são notáveis fluxos de pessoas que se deslocam para o trabalho, as consultas oftalmológicas, realização de carteira de motorista, Geoinf: Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia ISSN 2175-862X (on-line)

hospedagem, e outros serviços. A presença de escritórios de administração de planos de saúde, como: Confederação Nacional das Cooperativas Médicas (UNIMED) e Instituto de Previdência do Estado do Rio Grande do Sul – IPERGS (IPÊ- Saúde), em Faxinal do Soturno também é uma centralidade por este município, frente aos demais da Quarta Colônia.

Ademais, a instalação de polos de cursos superiores a distâncias em Faxinal do Soturno também tem atraído fluxos de Nova Palma em direção à procura desses serviços na cidade vizinha. Destacando-se entre as instituições: Universidade Anhanguera UNIDERP, Polo Universidade Aberta do Brasil.

Portanto, a relação de Nova Palma - Faxinal do Soturno é prestação de serviços emergenciais, dos quais Faxinal do Soturno, por estar no centro da região da Quarta Colônia, concentra serviços mais especializados que as demais cidades (figura 3).

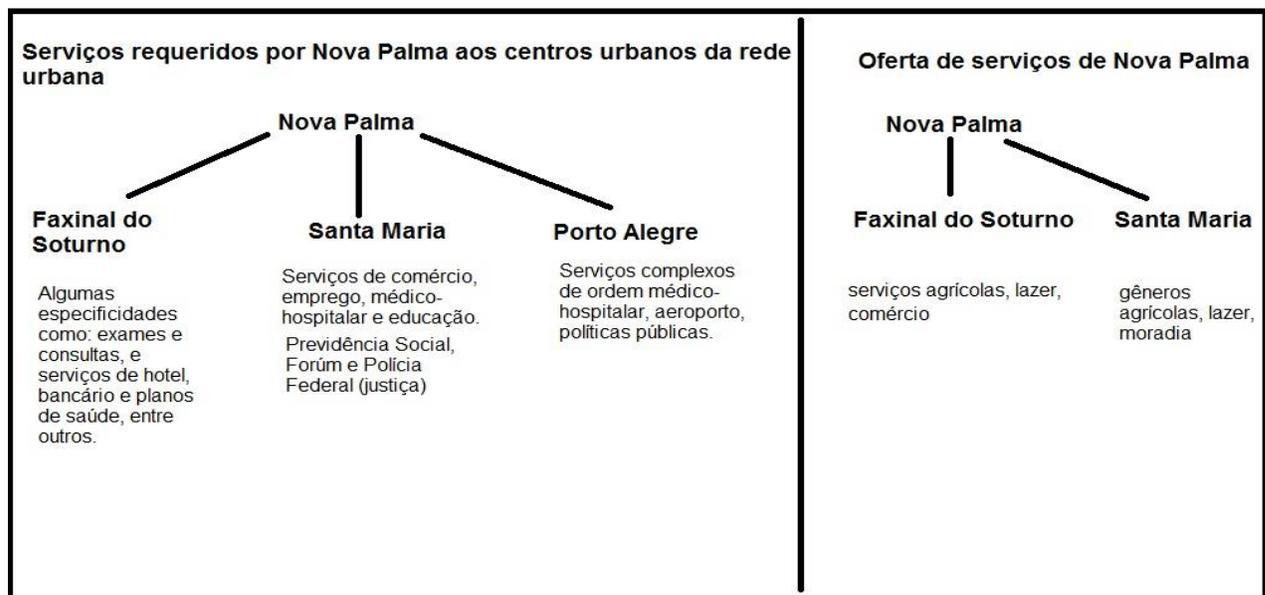


Figura 3: Esquema síntese de relações de Nova Palma na rede urbana

Org.: autora (2018)

Convém ressaltar que dentro da Quarta Colônia o fluxo de pessoas, mercadorias e informações de uma cidade para outra é muito evidente, manifestando a existência de interdependência entre elas (VENDRUSCOLO, 2008).

Numa outra ótica, as cidades da Quarta Colônia mantêm relações entre si em função do desenvolvimento do turismo rural e cultural que envolve a região, dessa forma, as cidades matem relações entre si. Segundo Spolaor (2010), as pequenas cidades da Quarta Colônia apresentam

uma pouca demanda de bens e serviços especializados, sendo os principais centros próximos Faxinal do Soturno, Agudo e Santa Maria.

Além disso, existe um forte fluxo entre Nova Palma e Santa Maria, centro maior e próximo, onde parte da população local novapalmense estuda, nas universidades santa-marienses, trabalha, ou busca serviços especializados médico-hospitalares, de Previdência Social, justiça, hospedagem, comércio, redes bancárias privadas, entre outros.

No entanto, alguns serviços mais complexos de medicina, ou educação, aeroportos, políticas públicas, são procurados por Nova Palma junto à metrópole, Porto Alegre. O que de certa forma centraliza os fluxos superiores à hierarquia da rede, a capital gaúcha (Figura 2).

Evidentemente que a cidade de Nova Palma pela função agrícola que exerce na região e mantém relações com o Porto de Rio Grande e Júlio de Castilhos onde são comercializados os gêneros agrícolas e mantidos contratados empresariais. Isto mostra os efeitos da rede urbana e a divisão territorial do trabalho, refletindo diferentes especializações produtivas, que garante as condições necessárias para a reprodução urbana, por onde transitam fluxos de mercadorias, pessoas, valores, capital, etc., demonstrando as intrincadas e complexas relações do urbano (FRESCA 2010).

Na cidade de Nova Palma concentram-se também serviços de indústrias de móveis, indústria de materiais de construção, comércio, malharias e confecção de roupas, inclusive de roupas de festas que atrai pessoas de Santa Maria, Júlio de Castilhos e outros lugares.

As relações da pequena cidade de Nova Palma não se limitam a essas citadas, mas a uma complexidade que aos poucos vai sendo reestruturada em função do desenvolvimento local, por exemplo, existe muita procura das cidades próximas de consultas médicas em Nova Palma, à medida que novos profissionais da saúde se instalam na cidade, ou em busca de informações sobre a cultura italiana no Centro de Pesquisas Genealógicas (CPG), que atrai pessoas de diversos locais. Assim como, no verão a procura pela cidade de Nova Palma é em função ao lazer, pois a cidade apresenta balneário de água doce. Portanto, a cidade de Nova Palma apresenta atratividade também seja por alguns serviços prestados, pela questão agrícola ou pela função de moradia.

Com isso, a pequena cidade de Nova Palma encontra-se articulada na rede urbana regional e mantém vínculos de fluxos diversos e uma centralidade para serviços agrícolas, moradia e lazer. E necessita de serviços especializados, dos quais são requeridos aos centros superiores da rede, especialmente Faxinal do Soturno e Santa Maria.

Nesse sentido, esta cidade em estudo é importante para o seu contexto regional, inclusive no monopólio que vem sendo desempenhado pela CAMNPAL na região e atende as condições elementares de serviços dos moradores de Nova Palma, como ensino fundamental e médio, agências bancárias, emprego, indústrias, hospital, entre outros.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na discussão urbana brasileira, as pequenas cidades têm sido foco de muitos estudos, principalmente na atualidade, onde aparecem vários autores, tais quais, Angela Endlich, Maria Encarnação Sposito, Tânia Maria Fresca, Winston Bacelar, Mara Lúcia Bernardelli. Estes pesquisadores desempenham importantes estudos, que tratam das diferenças das pequenas cidades brasileiras, sejam elas paulistas, mineiras, paraenses, etc.

No entanto, pensar as pequenas cidades não é uma tarefa fácil, requer uma análise profunda, nas relações das mesmas dentro do ceio da rede urbana, além de entender as dimensões básicas de vida e funcionalidade (ENDLICH, 2006). Ainda, Spolaor (2010) completa que o universo das pequenas cidades é amplo, com uma dinâmica em movimento e um ritmo de sociedade que se altera com o tempo. Isto trás uma dificuldade em reconhecer os verdadeiros papéis urbanos das pequenas cidades em seu entorno urbano-regional.

As pequenas cidades estão conectadas com outras cidades, onde cada uma exerce uma atividade importante para o desenvolvimento regional e da própria relação interurbana. Como abordado anteriormente às cidades pequenas podem apresentar diferentes papéis e dinâmicas dentro da rede urbana que estão inseridas, desde a função agrícola, a oferta de mão-de-obra, ou a oferta de moradia, de espaços industriais e turísticos. Essas cidades apresentam uma essência histórica e uma expressiva relação com outras áreas urbanas.

Nesse pensamento, a pequena cidade de Nova Palma apresenta dinâmicas econômicas nítida de divisão social do trabalho dentro da região, concentrando serviços educacionais, médico-hospitalares e jurídicos pouco especializados, mas suficiente para atender o mínimo à população. No entanto, esta pequena cidade detém uma expressiva conexão com o rural, que lhe confere um papel importante, principalmente pela instalação de empresas agrícolas e da CAMNPAL, ou seja, a cidade é centralizadora da comercialização e industrialização agrícola

regional.

A pequena cidade de Nova Palma se relaciona hierarquicamente, na busca de serviços especializados de saúde, educação e comércio, principalmente com Faxinal do Soturno (centro polarizador da Quarta Colônia), Santa Maria (centro polarizador da região Central) e Porto Alegre (metrópole). Mas, também atrai fluxos turísticos, econômico, especialmente agrícola, e de moradia. Além de manter relações com outras cidades da Quarta Colônia.

À medida que a cidade vai concentrando outros serviços, passa a exercer outras atividades. Nesse caso, os avanços em serviços médicos e laboratoriais, ou em infraestrutura de hotelaria e restaurantes vão atraindo pessoas da região. Claro que esta condição demanda de novos investimentos e capital, principalmente de telefonia, internet e infraestrutura.

O turismo cultural e o ambiental também têm permitindo inter-relações mais complexas as cidades que compõem a rede urbana, associando pequenas cidades e centros urbanos maiores. Existindo, contudo, um fluxo de vai e vem nas pequenas cidades da Quarta Colônia.

Por fim, as dinâmicas econômicas sejam elas agrícolas, industriais, de serviços ou turismo desencadeiam um constante fluxo entre cidades e empresas, havendo uma relação recíproca e constante entre Nova Palma e as cidades do entorno, ou em relação às cidades médias de Santa Maria e Júlio de Castilhos. Fato que demonstra a importância de cada uma destas cidades no contato interurbano.

5 REFERÊNCIAS

ABIKO, A. K.; ALMEIDA, M. A. P. de; BARREIROS, M. A. F. **Urbanismo: história e desenvolvimento**. 1995. Disponível em: <http://reverbe.net/cidades/wp-content/uploads/2011/08/urbanismo-historiaedesenvolvimento.pdf>. Acesso em: 20 jul. de 2018.

ARAÚJO, M. G. M. **Geografia dos Povoamentos: Assentamentos Humanos Rurais e Urbanos**. Maputo. Livraria Universitária. 1997.

BACELAR, W. K. de A. **A pequena cidade nas teias da aldeia global: relações e especificidades sócio - políticas nos municípios de Estrela do Sul, Cascalho Rico e Grupiara – MG**. 2008. 411f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia – MG, 2008.

BERNADELLI, M. F. da. H. **Pequenas cidades na região de Catanduva – SP: papéis urbanos, reprodução social e produção de moradias.** 2004. 384f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2004.

CARLOS, A. F. **A cidade.** 3ª ed. São Paulo: Contexto, 1997.

CARNEIRO, B. L. **O passo a passo do trabalho científico.** 2ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2014.

CHAGAS, S. E. de A. Pequenas Cidades e Produção Territorial: Elementos para a Discussão Geográfica. In: ENCONTRO NACIONAL DOS GEÓGRAFOS, XVI., Porto Alegre, 2010. **Anais...** Porto Alegre, 2010.

CORRÊA, R. L. **A rede urbana.** São Paulo: Ática, 1989.

CORRÊA, R. L. **Trajetórias geográficas.** Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2011.

ENDLICH, A. M. **Pensando os Papéis e Significados das Pequenas Cidades do Noroeste do Paraná.** 2006. 505f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2006.

FRESCA, T. M. Em Defesa dos Estudos das Cidades Pequenas no Ensino de Geografia. **Revista de Geografia**, Londrina, v. 10, n. 1, p. 27-34, jan./jun. 2001.

FRESCA, T. M. Rede urbana e divisão territorial do trabalho. **Revista Geografia**, Londrina, v. 19 n. 2, p. 115-128, 2010.

FURTADO, C. **O Brasil pós-milagre.** 8ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

HUBERMAN, L. **História da riqueza do homem.** 21 ed. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade.** Tradução: Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

MANFIO, V. **O papel da CAMNPAL na (re) estruturação do espaço urbano de Nova Palma/RS**. 128f. 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.

MANFIO, V.; PIEROZAN, V. L. AS NOVAS ALTERNATIVAS RURAIS NA QUARTA COLÔNIA, RS, Brasil: um estudo sobre a agricultura de base agroecológica e a agricultura orgânica. **Interespaço**, Grajaú-MA, v. 3, n. 9, p. 175-194, maio/ago. 2017.

MELO, N. A. de. **Pequenas cidades da microrregião geográfica de Catalão(GO):** análises de seus conteúdos e considerações teórico-metodológicas. 2008. 527 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia (MG), 2008.

OLANDA, E. R. As pequenas cidades e o vislumbrar do urbano pouco conhecido pela geografia. **Ateliê Geográfico**, Goiânia-GO v. 2, n. 4, p.183-191, ago/2008. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/atelie/article/view/4699/3956>. Acesso em: 7 de jan. 2013.

PEDRA, J. De L.; NOGUEIRA, M. Breves Considerações Sobre As Pequenas Cidades. **Anais...** In: XII Simpósio Nacional de Geografia Urbana, Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <http://xiisimpurb2011.com.br/app/web/arq/trabalhos/dfe2a8867a6cca875315e0bd5b841776.pdf>. Acesso em 10 jan. 2013.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico:** métodos e técnicas da Pesquisa e do trabalho acadêmico. 2 ed. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2013. [recurso eletrônico].

RIBEIRO, W. C. Cidades ou sociedades sustentáveis?. In: CARLOS, A. F. A.; CARRERAS, C. (Org.). **Urbanização e mundialização:** estudos sobre a metrópole. São Paulo: Contexto, 2005, p. 60-69.

RIGON, O.; SANT'ANA, T. C. F. Os papéis das pequenas cidades no contexto atual da Rede Urbana brasileira: um ensaio sobre a região da AMUSEP. **Revista Percursos**, Maringá, v.5, n. 1, p. 157-177.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado:** fundamentos teórico e metodológico da geografia. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, M. **A urbanização brasileira**. São Paulo. Hucitec: 1994.

SANTOS, M. **Economia espacial: críticas e alternativas**. 2 ed. São Paulo: EdUSP, 2003.

_____. **O espaço dividido**. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SAQUET, M. A. **A construção do espaço em Nova Palma (RS)**. Nova Palma: Prefeitura Municipal, 1996.

_____. **Os tempos e os territórios da colonização italiana: o desenvolvimento econômico da Colônia Silveira Martins (RS)**. Porto Alegre: EST Edições, 2003.

SINGER, P. **Economia política da urbanização**. São Paulo, Brasiliense/Cebrap, 1973.

SINGER, P. **Emprego e urbanização no Brasil**. São Paulo: Brasiliense/Cebrap, 1998.

Disponível em:

http://www.cebrap.org.br/v2/files/upload/biblioteca_virtual/emprego_e_urbanizacao_no_brasil.pdf. Acesso em: 20 de maio de 2012.

SILVA, P. F. J. da. **Cidades pequenas e indústrias: contribuição para a análise da dinâmica econômica na região de Presidente Prudente –SP**. 285f. 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente - SP, 2011.

SILVA, P. F. J. da; SPOSITO, E. S. Discussão geográfica sobre cidades pequenas. **Geografia** (Rio Claro. Impresso), Rio Claro, v. 34, p. 203-217, 2009.

SIQUEIRA, M. da P. S. Urbanização desigual e desigualdade nacional: um descaminho no processo do desenvolvimento brasileiro. **Dimensões**, v. 25, p. 215-234, 2010.

SOUTO, R. L. S. et. al. Cidade, região, hierarquia de cidades e redes urbanas: uma proposta de revisão teórica. **Revista de Desenvolvimento Econômico – RDE**, Salvador –BA, ano XIX, V. 2, n. 37, p. 57 – 81, agosto 2017.

SPOLAOR, S. **Os papéis urbanos das pequenas cidades da Região da Quarta Colônia – RS**. 192f. 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.

SPOSITO, E. S. **Redes e cidades**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

SPOSITO, M. E. B. A urbanização da sociedade: reflexões para um debate. In: CARLOS, A. F. A.; DAMIANI, A. L.; SEABRA, O de L. (Org.). **O espaço no fim do século**: a nova raridade. São Paulo: Contexto, 1999, p. 83-99.

SOUZA, N de. Um olhar geográfico sobre a cidade. **Caminhos de Geografia**. Uberlândia. v. 9, n. 27, p. 164 – 174. set. 2008.

VENDRUSCOLO, C. E. A Organização em Rede: Um Elemento Sustentador do Desenvolvimento da Região Quarta Colônia – RS. In: III Seminário Internacional Organizações e Sociedade: Inovações e Transformações Contemporâneas, III., Porto Alegre, 2008. **Anais eletrônicos...** Porto Alegre, 2008. Disponível em: <http://www.pucrs.br/eventos/sios/download/gt3/Cassiana-Elisa-Vendruscolo.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2013.

Data de recebimento: 24 de julho de 2018.

Data de aceite: 18 de fevereiro de 2019.